

## Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, recriando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

## Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

## Autor

### Madureira Kanambi

Madureira Kessongo Kanambi nasceu em 1989, no município do Ukuma, Província do Huambo - Angola. Licenciado em Direito pela Universidade Onze de Novembro, Cabinda. Chegou a viver como refugiado de guerra, com uma infância titânica, e sem esperança de futuro algum. Influenciado a ler pelos amigos, nunca mais parou e, como consequência, começou a escrever; hoje consegue semear alguma esperança através dos seus escritos. Desenvolve projectos de literatura e literacia nas comunidades, augurando um futuro melhor àqueles que nem sonhos têm.

## Ilustrador

### Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Dai, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

## Na Web

Sítio: [www.lerecontar.com](http://www.lerecontar.com)

Instagram: [@ler\\_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: [www.facebook.com/Ler-Contar](https://www.facebook.com/Ler-Contar)

## Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Madureira Kanambi

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: [lerecontar2020@gmail.com](mailto:lerecontar2020@gmail.com)

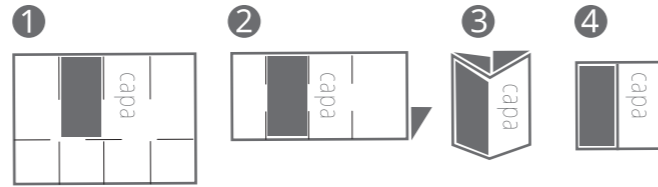
Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grito

Proibida a venda.

A guerra não só semeia a dor, como mata ou interrompe muitos sonhos.



### Instruções de dobragem



# LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

MADUREIRA KANAMBI

## SONHOS

## INTERROMPIDOS

Já no fim do último turno da noite, ouço um barulho tremendo e uma agitação em todo o lado. Levanto-me meio zozno e de repente chega a minha mãe e diz: “Esconde-te e não faças nenhum barulho!” Tento controlar a respiração, ouço arrombarem a porta de casa, e alguém diz: “Aqui também vive um rapaz!” Minha mãe tenta mentir para salvar-me: “Ele passou a noite noutra aldeia, não está aqui.” Os homens trajados de roupas militares, botas grandes e boinas vermelhas, ignorando-a, começam a revirar a nossa pequena cubata e rapidamente me encontram, encolhido junto a um embrulho de roupas sujas. Um homem com o dobro do meu tamanho segura-me pela mão e arrasta-me para fora de casa. De seguida, empurraram-me para cima da carrinha que carregava outros meninos da minha aldeia; todos chorávamos, implorando que nos deixassem ficar com as nossas mães. Fomos transportados para uma base militar das milícias. Depois de cerca de oito horas, não sabíamos onde estávamos. O medo tinha-nos roubado a noção do tempo e do espaço. Chegámos depois do meio-dia e o sol queimava, tínhamos fome e sede e medo. Ninguém comeu naquele dia, ninguém mais chorou, mas também ninguém dormiu. De madrugada fomos acordados para receber o uniforme militar, as armas e tomar o pequeno almoço. Recebemos o treino básico militar por quarenta dias! Foi a pior quarentena das nossas vidas, vivemos o nosso maior pesadelo. Tudo a decorrer a um ritmo muito surreal. Éramos cerca de duzentas crianças de aldeias vizinhas, todos da mesma faixa etária, nenhum de nós tinha mais de dezasseis anos. A semana que vem traz o meu aniversário, completarei quinze anos. Sou o Mbaki, que na nossa língua significa O Escolhido, os nomes definem quem somos

e o destino devia ter cogitado para isso. Três meses depois, fui escolhido para fazer parte da guarda do Comandante. O meu porte médio e musculoso, a minha caligrafia, foram requisitos para ser escolhido pelo comandante da milícia na região do Kivu do Leste. Estávamos a viver uma vida de adultos e isto aconteceu de um dia para o outro. Sem nenhum contacto com os nossos pais, com familiares e com a nossa vida antiga, fomos forçados a ser soldados. E mesmo assim, ainda brincávamos como se nada disso estivesse a acontecer, era como se estivéssemos a ler *A Long Way Gone*, de *Ishmael Beah*. Com uma arma na mão e uma pasta no ombro, cabia-me carregar os documentos secretos do Chefe. Carregava também na pasta os meus sonhos de criança, minhas brincadeiras, nossos encontros nocturnos no jango com o avô Kituxi, aquele que nos ensinava sobre a vida. Carregava na pasta as insónias e o meu plano secreto; havia privilégios em ser o guarda do Chefe. Não ia a combate e podia influenciar para que meus amigos também não fossem. Eles estavam destacados na cozinha.

Todas as noites nos encontrávamos na cubata de capim do Ndalú, que era o mais novo e o que ainda chorava. Brincávamos com ele e lhe fazíamos rir. Até que um dia eu contei a eles o meu plano secreto. Sabia de todas as informações sobre missões futuras, conhecíamos os pontos fortes e fracos da unidade; éramos estrategas de guerrilha. Todos prontamente concordaram e traçámos o plano de fuga. Tínhamos nove dias para preparar o plano, pois ao décimo dia o Comandante iria dirigir um ataque

3



4

longe da localidade e fui informado de que eu não iria e que, como a unidade estaria vazia, iríamos com o grupo escalado para a lenha. Aí então fugiríamos. Portamo-nos bem ao longo da semana de preparação, para não levantar nenhuma suspeita. Como eu era de confiança de todos os chefes e do Comandante, ninguém questionava as minhas acções. Continuámos com os encontros à noite enquanto aprimorávamos o nosso plano de fuga. Já só faltava chegar o dia D e escapar desse pesadelo. Guardávamos mantimentos para a longa caminhada que nos esperava, tínhamos preparado as nossas coisinhas e era questão de chegar o dia e voltarmos a ser crianças. Saímos cedo sem levantar nenhuma suspeita, já tínhamos as nossas mochilas na mata, as armas, a água, e por dentro de cada um de nós a enorme vontade de voltarmos a ser livres. Trilhámos os caminhos do perigo, caminhámos todo o dia; só ao anoitecer conseguimos ouvir de longe os sons de uma aldeia e isso eliminou todo o cansaço. Abandonámos as armas pelo caminho. Nunca foram nossas! Livrámo-nos do peso às costas e sobretudo na alma. Não nos interessava nada criar

nenhum pânico ao chegarmos. Chegámos à aldeia quando já era noite. A princípio confundidos com rebeldes, os aldeões foram se escondendo, temendo um novo saque de seus pertences, mas à medida que nos aproximávamos, fomos sendo reconhecidos pelos nossos familiares. Dirigimo-nos imediatamente à casa do Soba Grande da aldeia, e aí começou o ritual de boas-vindas, fomos pintados com barro na testa, mãos e pés. Os nossos pais, felicíssimos, queriam saber a todo o momento sobre detalhes da nossa vivência. Mas logo a alegria geral ficava ensombrada quando os demais aldeões perguntavam pelos seus filhos. Estariam vivos ou não? Era uma situação de amargor para estes pais... e para nós também. Os velhos reuniram-se e mandaram abater uma cabeça de gado para a festa e ouviam-se já os batuques a serem afinados. Seria uma grande festa! Era a realização do nosso maior desejo. Durante todo esse tempo de ausência, só tínhamos querido voltar a ser crianças. Voltar a frequentar uma escola, brincar no riacho ao lado do nosso kimbo, sonhar em ser homens de bem. Eu, quiçá um médico para, assim, ajudar a comunidade...

5



**Cria aqui  
a tua ilustração  
do conto!  
Digitaliza-a  
e envia-a  
para nós.**